

4

Teologia, Educação e Escola Católica: realidades, buscas e questões

A experiência se revela em palavra.

Adélia Prado

O texto, a nosso ver, pode e deve ser tecido. Segundo Chevalier & Gheerbrant (1996, 872) tecer, dentre outras acepções, significa criar: "(...) fazer sair de sua própria substância, exatamente como faz a aranha, que tira de si a própria teia".

Diz a mitologia grega, que Aracne, uma grande bordadeira, ousou desafiar Minerva numa disputa: qual das duas seria a melhor na arte de bordar? A ousada humana ou a vaidosa deusa. Minerva, enraivecida, a transforma na aranha, aquela que tem de tirar de si mesma a própria teia. Assim nascem os textos, saem do interior de quem os escreve e as mãos que o fazem laboriosamente viveram e experimentaram os próprios fios "brotantes" de suas entranhas.

Continuando a nossa metáfora sobre a pesquisa enquanto bordado, neste terceiro capítulo apresentaremos sinteticamente os dados recolhidos juntos aos nossos entrevistados: diretores/as, professoras e teólogos/a (seguiremos esta ordem de apresentação), suas inquietações e questionamentos a respeito da Escola Católica.

Nosso trabalho se divide em três blocos de interesse: Escola Católica, hoje, Escola em Pastoral e o diálogo Teologia e Educação a partir da Escola Católica. Visamos perceber como os entrevistados/as focalizam as relações que perpassam a Escola Católica e quais são as motivações que os fazem agir.

São traços que foram delineando, indicando, apontando o risco do bordado.

4.1.

Escola Católica, hoje

Neste primeiro bloco, nosso foco de interesse objetivou identificar a visão que diferentes atores - diretores/as, professoras e teólogos/as - tinham da especificidade da Escola Católica e a contribuição que esta tem dado à Educação.

No que diz respeito aos/às diretores/as, em geral pensam que embora muitas outras instituições escolares busquem os mesmos ideais que a escola católica, pelo o ambiente de trabalho saudável que proporciona, seu comprometimento com causas solidárias (por exemplo: campanhas do quilo, visita a asilos e creches, trabalhos de cunho social junto a postos de saúde, etc), o fato de assumirem uma educação evangélico-libertadora dão-lhe uma personalidade própria no cenário educacional.

São palavras do diretor entrevistado:

Eu acho que a Escola Católica tem uma história e essa história continua hoje; e ela faz diferença. Tem uma filosofia de educação muito diferente de outras escolas, o compromisso da Escola Católica é com a pessoa, com o anúncio da Boa Nova ... fazer isso, através de processos pedagógicos é que a caracteriza e ao mesmo tempo lhe é um desafio... A Escola Católica exerceu um papel e continua exercendo, importante de transformação e esse compromisso permanece.

O fato da educação católica buscar colocar a pessoa humana como centro do seu projeto e ter uma concepção transcendente da sua realidade também foi afirmado como fator de diferenciação entre a escola confessional católica e as não confessionais:

O marco diferencial mesmo da escola católica, a primazia, o centro, é a pessoa humana nas suas relações com Deus, com o eterno. A questão dos valores é privilegiada, além disso assumimos a postura da Educação Evangélica Libertadora e ela tem um compromisso muito grande com a transformação da sociedade, a transformação das estruturas injustas, é a questão da solidariedade, a questão da fraternidade. Outro dia, observando a inauguração aqui perto de um colégio (que pertence a um Banco), escutando o discurso, toda a tônica era positivista: o desenvolvimento, o progresso... não se falou em outra coisa em nenhum momento.

Afirmam, ainda, que já não adianta, somente educar para os valores cristãos (solidariedade, busca da paz...) porque esses se tornaram valores universais; as formas como se dão as relações interpessoais na escola é que tecem a sua diferença das demais. Contudo, deve-se saber educar os jovens para a busca desses valores.

Segundo uma entrevistada:

Eu acho que ainda é a relação interpessoal. Pra mim, é o que há de mais bonito e que é muito presente ainda. É um ambiente de trabalho muito saudável, o

próprio aluno, as pessoas que chegam notam diferença, eu acho que é mais interpessoal porque em termos de cultura, de conhecimento, o mundo hoje é uma fábrica de conhecimento, de instrução ... é só você buscar, então eu acho que o que faz a diferença hoje é a relação interpessoal e quem zelar por isso vai continuar tendo espaço.

Uma outra afirma:

Essa questão do sentido da vida, a questão dos valores, a questão do conhecimento como construção solidária, como participação, para melhoria do mundo, melhoria da sociedade (...).

A Escola Católica pode indicar ao mundo da educação a necessidade de educar para a cidadania, para a questão do sentido da vida percebendo o conhecimento como construção solidária.

Quanto a relação Escola/família pensam que está aberta aos pais, com espaço para o questionamento de normas, porém, em geral, não participam significativamente da tomada de decisões; a família comparece toda vez que é chamada, embora sintam que os pais até a quarta série têm um envolvimento grande com os alunos e à medida que os filhos vão crescendo a participação vai diminuindo. Nas escolas do interior do Estado, onde acontece celebração dominical a participação das famílias nas missas é considerada muito boa.

Segundo uma entrevistada:

Olha nós percebemos assim, os pais dos alunos até mais ou menos a quarta série, eles têm um envolvimento grande com a escola. Ai a medida que os filhos vão crescendo, pela própria vida eles já tem um relacionamento menor com a escola, de menos frequência. Mas o fato de ter uma frequência menor na escola não significa que não haja um sentimento com a escola... nós temos uma capela grande, que é um lugar calmo e tranquilo, cabem quatrocentas pessoas sentadas, aos domingos há uma frequência bastante grande dos pais dos nossos alunos.

Há um interesse, por parte dos diretores/as, de se construir uma comunidade educativa (tema focalizado com muita força em Medellín):

Todas as escolas católicas, acho de uma certa forma, têm esse objetivo: constituir uma comunidade educativa. Não é apenas um bando de alunos e de famílias e professores, mas uma comunidade.

Sobre a questão: por que as famílias procuram a escola católica? Responderam que a tradição, a qualidade do ensino, a boa estrutura, o bom desempenho no vestibular são fatores preponderantes. Há, ainda, aquelas que

procuram a escola por causa do sentido de família presente na instituição, o cuidado nas relações professor-aluno e pela preocupação com a formação para valores cristãos e/ou a formação religiosa do/a filho/a, porém estes são minoria.

Segundo o diretor entrevistado:

Em geral, as escolas católicas são muito boas em aparelhagem, em estrutura, têm um bom nível de ensino, têm um bom desempenho no vestibular... eu acho que esse é o primeiro grande motivo de atração. A maioria procura por isso, não vou ter a ilusão que procuram por causa da formação, isso vem depois. Mas há famílias também, a minoria talvez, que colocam o filho seja pela tradição da escola, pela organização que ela tem, pela valorização que faz não só do processo pedagógico em si, mas da formação geral do aluno que nela recebe na maioria das vezes. Mas eu não tenho dúvida que a maioria procura as nossas escolas católicas porque elas são boas escolas.

Para outra diretora:

Eles procuram muito, porque dizem que nossa escola tem sentido de família, uma das coisas que eles falam muito é isso, a escola tem esse aconchego. A gente não se importa somente assim, com a parte cognitiva, do conhecimento mesmo, a gente vê a parte relacional do aluno, a parte afetiva, essa parte de desenvolvimento pessoal mesmo e a parte religiosa também, que as famílias pensam assim: entregou para a escola, ela agora vai se ocupar, ela vai se ocupar, com a religião, com os valores, e ela vai se preocupar com isso, e o aluno vai sair daqui, formado para a vida.

Nas entrevistas às professoras de educação religiosa nosso interesse girou em torno das questões sobre a especificidade da escola católica, sobre como percebem as aulas de religião, a relação com demais áreas e o setor pastoral. Como já nos referimos anteriormente, todas as entrevistadas são mulheres, portanto nos referiremos a elas no feminino.

Para elas são os valores evangélicos que fundamentam a ação pedagógica da escola católica, além disso, dentro da instituição o educando é percebido em sua totalidade, com sentimentos, alegrias e frustrações; em geral não se absolutiza o acadêmico.

Segundo uma das professoras, a escola católica:

(...) tem uma preocupação com a pessoa, com o indivíduo (...) a gente tem essa preocupação de cuidar. Não tem a ovelha perdida, o pastor que cuida das ovelhas? Acho que a escola católica tem essa preocupação: não é mais um aluno, mas possui essa visão de acompanhar, de estar perto de se alegrar com ele e estar presente também na dificuldade(...).

Contudo, nem todas concordam com a afirmação acima, para uma delas:

A Escola Católica, se tornou uma escola de excelência acadêmica. Então, hoje, as grandes escolas, onde existe um bom ensino são escolas católicas. Aqui na cidade, as escolas que são de ponta, são católicas. Uma ou outra tem alguma coisa que faça, mas o objetivo principal é o vestibular. O vestibular é a prioridade. Então, você não consegue fazer um trabalho em que realmente seja muito mais valorizado o lado cristão do que o lado acadêmico. O lado acadêmico sempre fala mais alto que o cristão.

Hoje, na escola católica há também uma preocupação com a educação para o ecumenismo e para o diálogo interreligioso, já que no seu quadro de alunos/as encontram-se seguidores de diversas religiões.

Segundo uma das entrevistadas, a instituição:

(...) É confessional sim, porque ela tem que defender aquilo que é próprio da sua fé, mas ela não é só isso, ela é uma escola ecumênica a partir das exigências do próprio aluno. Tem-se alunos espíritas, até muçulmanos dentro da escola, então a escola vê-se obrigada a conhecer mais, a sair dos muros, a conhecer a família daquela criança.

As aulas de Ensino Religioso devem ter a preocupação de ser ecumênicas, abertas ao diálogo com as outras religiões.

Para uma das professoras:

(...) a aula de religião, hoje, não é doutrinal, ela não pode ser mais uma aula de ensinar o catecismo da Igreja Católica, mas ela é uma aula que vai procurar abrir e dar liberdade e incentivar o aluno a conhecer além da religião dele, a valorizar as outras crenças, as outras religiões, mas buscando fundamentar a própria fé, a sua própria religião, procurando esclarecer, fortalecer aquilo que é próprio dele, dentro de uma visão, vamos dizer assim, mais partilhada, mais participativa, mais enriquecida pela interferência dos outros que são de outras religiões

Afirmaram também que as aulas de educação religiosa podem colaborar com o desempenho de todas as matérias, pois nela o aluno vai aprender a ser ético, pois deve formar para a vivência de valores cristãos, são momentos que os alunos/as têm para reflexão.

Segundo uma professora:

(...) não que só o ensino religioso deveria estar preocupado com valores, todos deveriam estar com esta preocupação. Mas o Ensino Religioso tem mais embasamento para passar esses valores, essa história do povo de Deus que caminha e essa história desse Cristo que veio ao mundo(..).

Quanto à percepção que possuem sobre o olhar de colegas de outras áreas sobre o/a professor/a de Ensino Religioso afirmaram que hoje são vistas com mais respeito:

Eu acho que hoje, o professor de Ensino Religioso não está sendo visto só como aquele professor que entra em sala e dá o seu conteúdo, mas que não tem que cobrar nada. Eu vejo assim: entre os colegas ele está sendo visto como alguém que colabora com outros professores, que procura estar resolvendo algum tipo de problema, que procura unir a turma. Então, como aquele professor que fazia falta(...).

Contudo, isto não é consenso entre todas as entrevistadas, há uma voz destoante quanto a valorização da figura do papel do professor de Educação Religiosa:

Olha, já foi pior. O professor de Educação Religiosa era considerado como aquele que não sabia nada, por isso optou pela aula de religião. Eu sou uma, eu... na realidade eu sou E.T.zinho, porque a minha formação é técnica. A minha primeira faculdade foi de química industrial. Eu percebo que alguns colegas acham que é coisa de maluco, não aceitam muito: ‘mas você fez um curso em que pode crescer muito mais e vai estar dando aula de religião?’ Lógico que depois fiz toda formação para poder dar essa aula de religião. Mas eu sinto por parte de alguns dos meus colegas que me olham, por um lado respeito, porque eu não tenho só a formação em teologia ou numa área da educação, eu tenho uma área que é a química – “Pô é uma área que é difícil, então é capaz”- mas ao mesmo tempo: “- por que deixou essa área tão importante pra pegar uma outra que não é importante?” Eu sinto isso em relação aos meus colegas.

A respeito do interesse das famílias pelas atividades desenvolvidas na área da Pastoral Escolar afirmaram o seguinte: as que põem seus filhos motivadas pelo fato de a Escola ser Católica são uma minoria e é esta pequena parte que apresenta algum interesse pelas atividades pastorais desenvolvidas no colégio.

Quanto a um dos colégios que têm missa dominical, situado no interior do Estado, afirmou uma das professoras entrevistadas que uma boa parte demonstra interesse, gosta de participar da missa aos domingos, porém:

Tem um outro grupo que infelizmente não conhece religião (...) muito ligado ao consumismo, muito ligado aos bens materiais, que infelizmente não estão engajados, mas tem um grupo significativo que dá valor.

Sobre como percebem o/a aluno/a de hoje afirmaram que ao mesmo tempo que é sensível, busca apoio na figura do/a professor/a, pois sente-se perdido/a,

carente. São alunos/as desafiadores, porque trazem uma bagagem de informações muito grande.

Para uma das entrevistadas:

O aluno de hoje é bem diferente, ele traz toda uma bagagem de conhecimentos que se o professor não tomar cuidado, fica pra trás, até porque os meios de comunicação são outros, as necessidades, a visão do mundo é outra, então o aluno hoje, principalmente, dentro de uma escola católica, ele é um desafio para a escola, porque ele passa a fazer com que a gente busque além do que pensávamos que iríamos buscar, ele faz com que a gente vá além do que o próprio currículo, às vezes, manda que vá. Então, a gente extrapola currículo, extrapola experiências passadas, extrapola tudo isso. Não serve o caderninho amarelado, então tem-se que estar sempre renovando, dinâmica de trabalho, renovando conteúdos... o que estava sendo dado antes, não pode mais ser dado hoje, o que foi dado ontem, hoje está ultrapassado.

Segundo uma outra professora:

Ele é um aluno dinâmico, vivo, participativo, sedento de Deus, sedento de valores, com várias crises muitas vezes na família. Mas é um aluno super vivo, super virtual, super tecnológico, super prático, muito eficiente e muito crítico.

Uma voz destoante das demais afirma sobre o aluno de hoje:

Ele, hoje, não tem respeito pelo professor, não tem medo de desafiar, o jovem de hoje não tem essa preocupação se ele vai ofender, se ele vai ser agressivo com você, eu vi hoje falta de respeito, entendeu?

Não são muito interessados nas questões da religião, não vêem muito sentido nela, a não ser aqueles que são incentivados pela família:

Uma aluna... estou falando de uma aluna da 6ª. série, tenho uma aluna que está amadurecendo muito rápido, a sexualidade brotando nesse momento, então, preocupações voltadas para si, nessa descoberta nova que está sendo feita sobre ela. Ao mesmo tempo, querendo muito, não valorizando a religiosidade, acha que não precisa, percebendo que: 'eu tenho tanta coisa pra fazer. Isso não tem nada de importante na minha vida'. Com raras exceções dependendo da família, a maioria não vê sentido numa educação religiosa, numa formação cristã

No bloco Escola Católica, hoje, aos/às teólogos/as perguntamos sobre a especificidade da Escola Católica, os principais desafios que esta enfrenta e as relações da Escola com as famílias.

Para o grupo de teólogos/as a Escola Católica tem o papel de promover valores, porque têm a responsabilidade de educar para uma dimensão ética. O que,

às vezes, nem sempre consegue. Essa instituição tem uma função específica na sociedade:

(...) eu acho que ela tem o compromisso de passar pelo seu projeto educativo os valores evangélicos. Fazer ensaios dentro da escola, construir dentro da escola essa pessoa, esse ser humano que se deseja, que siga Jesus. E eu falo compromisso, porque ela não pode ser uma escola qualquer na sociedade, não pode ser como outra, não basta que tenha um excelente projeto educativo, esse é o compromisso de outras escolas, ela tem que especificamente trabalhar o seguimento a Jesus em todos os seus segmentos, em todas as suas relações de trabalho: docência, discência, reunião de pais. Ela tem que estar recheada desse compromisso. Acho que deve isso à sociedade.

A Escola Católica hoje vive um conflito: como manter a missão, o carisma específico frente às necessidades do mercado?

(...) o drama da Escola Católica hoje, de repente aliada a uma crise financeira é conciliar a visão da missão com a visão empresarial. A Escola vive um dilema: se ela se assume como empresa, tem que omitir alguma coisa da missão. Eu acho que a Escola Católica, principalmente, a Escola Confessional, a Escola Religiosa como um todo, ela não se encontrou ainda, ela está num momento de transição, procurando a sua identidade num universo de mudança muito grande. Ela vive o dilema de conciliar o carisma de um fundador, de uma proposta religiosa, com a necessidade do mercado. Com a exigência de uma universidade que quer um aluno assim e o mercado que quer um profissional assado(...).

Quanto à educação para a vivência da dimensão ética afirma uma teóloga:

A gente percebe quantas pessoas estão nos partidos políticos ou nos congressos e estudaram em escolas católicas, tiveram uma formação e têm atitudes nada evangélicas, não testemunham valores autênticos, testemunham contra valores: corrupção, alienação, se deixam influenciar por outros(...).

Uma outra voz, um outro olhar sobre essa questão:

(...) a gente até ouve uma crítica assim: 'ah, mas é... fulano estudou na escola católica e agora tá assim', aí eu fico até... não dá pra aceitar tranqüilamente isso... porque dá uma revolta também, sabe? Depois eu comecei a pensar assim: o que será que ele aprendeu lá? Mas imagina se ele não tivesse estudado na escola católica? Como seria, não é ?

Hoje há também para os/as teólogos/as que atuam na da escola católica uma preocupação com o ecumenismo e com o diálogo inter-religioso:

Nós somos uma escola confessional? Somos, mas aqui o batista tem seu espaço, o judeu tem seu espaço e assim por diante.

Percebem esta abertura a outras religiões como um desafio:

O maior desafio é trabalhar com a pluralidade religiosa dentro da escola, respeitar a diversidade. É, fazer a sua proposta católica acontecer em uma perspectiva ecumênica, é muito difícil.

Mas também como riqueza, quando o professorado, oriundo de diferentes religiões assume a transmissão dos valores cristãos:

Aqui nós temos professores que são evangélicos, da igreja presbiteriana, Igreja Nova Vida, e várias outras igrejas evangélicas, temos professores de outras crenças tipo espírita, afro, candomblé, são professores que estão educando sim valores. Nós estamos caminhando para isso, educar para os valores.

Para o/as teólogo/as o fato de uma instituição, nos dias de hoje, dedicar-se a educação já está enfrentando um grande desafio:

A escola é um desafio muito grande, não apenas para a Escola Católica, ser escola, hoje, ser um espaço de educação é desafio. Por quê? Porque hoje as ofertas são grandes. O mundo de escolas que surgem somente com interesses capitalistas está aí... Os interesses capitalistas se multiplicam, pululam em escolas.

Afirma uma segunda teóloga:

A sociedade desafia todas as escolas, não é? Então a escola católica também recebe esse desafio. Esse ser humano que está aí, que é completamente o que a pós- modernidade está configurando, o contrário da proposta de Jesus: uma pessoa fragmentada, que não tem esperança, que não tem utopia, que não vê o outro nem enxerga e tem que sobreviver. Mas aí, eu não colocaria esse desafio especificamente para a escola católica, isso é um desafio para a educação em geral.

Por vezes, setores da própria escola e as famílias também se apresentam como desafios para os/as teólogos/as:

Trabalhar com a diversidade, com a pluralidade, com o respeito, é você é... trabalhar as vezes com um corpo docente que é... não entendeu a proposta, não quer a proposta, não acredita na proposta. Você trabalhar com famílias que não aceitam a proposta, não querem a proposta, você trabalhar com a indiferença. Você, trabalhar com pessoas na escola que não aceitam que não existe resultado imediato, por exemplo, isso aqui para quem trabalha na área religiosa é uma coisa muito desafiadora porque não existe mudança imediata de estrutura, não existe conversão imediata, não existe: plantei e colhi. Numa perspectiva religiosa há o tempo de semear e sei lá, um dia alguém vai colher isso em algum

lugar e vamos lá a vida aqui segue, não é? E até por uma compreensão, assim, de uma instituição como essa aqui que é tradicionalmente e religiosamente católica, essa abertura para um trabalho dentro da religião a partir dos valores, a partir de uma temática é uma coisa muito nova e há uma reação assim em alguns setores ainda dentro da escola.

Afirma uma das entrevistadas:

Outro desafio, é preparar as relações de trabalho, de docência, para vivenciar isso de verdade, porque a maioria observa. Fica ali, é um projeto de direção, é um projeto de papel, onde se faz algumas reuniões, tenta-se fazer os professores incorporarem essa visão, mas na verdade, o professor de matemática, dá matemática, o de geografia, dá geografia, e por aí vai.

Um outro desafio enfocado é a cobrança das famílias sobre o conteúdo dado:

Um desafio é a questão do conteúdo, em confronto com o projeto pastoral. A sociedade cobra que a escola trabalhe um quantitativo de conteúdos e treine os seus alunos para os desafios da sociedade, competição, concorrência, qualifique-os para isso, e que não perca tempo com outro tipo de projeto. E se a escola tiver coerência no seu projeto pastoral pedagógico é um objetivo dela, mas não um referencial, digamos assim. O referencial vai ser Jesus Cristo, e os conteúdos vão estar permeados por esse olhar também. Então, esse é um desafio, a cobrança da sociedade, dos pais em reunião, achar que está se perdendo tempo, e menosprezar a orientação da escola, eu nem digo ter aula de religião, ou não ter, mas quando a escola tem essa orientação religiosa, tem o embate da sociedade também.

Quanto a relação Escola Católica/Família, pensam os/as teólogos/as que as famílias procuram esta instituição por causa da formação para a prática de valores cristãos, por outro lado acabam por determinar à escola uma atribuição que deveria ser delas mesmas:

Ela acaba recebendo uma delegação pra fazer coisas que são da família fazer. A família que antes confiava muita coisa à Igreja e ao Estado, hoje confia à escola, porque o Estado não existe e a Igreja perdeu significativamente seu espaço, quem faz e quem ainda representa este depósito de alguma garantia pra educação do menino, pra formação de valores como referência é a escola, quer dizer, é uma carga muito grande em cima dela, por isso que muita gente procura a escola confessional ainda, hoje.

Segundo uma outra entrevistada:

Às vezes dá a sensação, às vezes eles falam mesmo, não é? Que eles procuram a escola porque a escola dá aquilo que eles não estão podendo dar ou não estão conseguindo dar. Porque às vezes, às vezes eu até ouço alguns pais assim 'eu não sei mais como lidar com o meu filho'... e eles acham que aqui tem que dar jeito e é porque é católica, porque é religioso ali tem que ter um milagre.

Para algum/algumas teólogo/as as famílias procuram a Escola Católica, em sua maioria, por causa da excelência acadêmica:

As famílias procuram a nossa escola, a maioria porque é a melhor. A gente tem essa dificuldade porque durante um bom tempo o colégio se preocupou muito com o acadêmico, então é a escola que mais aprova para as universidades. Ela é uma escola tradicional, tem mais de 100 anos e... o aluno vem pra cá porque busca essa, essa excelência acadêmica. Mas a gente está tentando mudar isso daí, ele vem cá por excelência humana, em primeiro lugar, e a acadêmica vem, exatamente, porque como você precisa ser excelente, no humano, você academicamente tem que estar preparado pra isso.

Porém, tal pensamento não é incompatível com a afirmação de que existe uma minoria que procura uma experiência de fé:

(...) algumas famílias procuram ainda a escola por ser uma referência da fé, para manter aquela tradição e almejar aquela formação de repente até sacramental para o filho e para a filha, por ser depositária de alguns valores que outras instituições já não garantem mais, não conseguem mais prender. Então, claro que muitas escolas sobrevivem pela excelência acadêmica, mas a maioria delas é ainda por ser depositária de uma confiança que as famílias não encontram em outros lugares, eu acho.

A Escola Católica, para os/as teólogos/as tem feito tentativas de atrair as famílias para que participem mais das atividades dos colégios, através de projetos desenvolvidos, assim compreendendo melhor suas diretrizes:

O colégio tem feito um trabalho de integração família- escola, através das reuniões e através de dias de convivência aos sábados. Essa integração família escola, o objetivo é esse, é que os pais conheçam a escola, e percebam a seriedade e a responsabilidade que essa escola tem e aí sair daquele discurso de que essa escola está perdendo tempo com coisa inútil. Uma, outra maneira de atingir as famílias são as atividades culturais, pedagógicas... elas têm sempre um dia de culminância, com abertura para a família inteira, e o dia inteiro a escola está aberta, são dias em que a escola ganha de novo esse olhar, ela garante que o pai chega lá e fala: "Ah! não era uma brincadeira, era um projeto

sério, era um projeto pedagógico”. Então esses dias, também, quebram esse discurso. Se a pessoa for, ela sai convencida(...)

Neste primeiro bloco – Escola Católica, hoje – foi ressaltado entre os/as entrevistados/as que o humanismo desenvolvido pela Escola Católica e o enfoque prioritário do seu projeto pedagógico, sendo a pessoa humana, a educação para a vivência dos valores cristãos, a preocupação com o ecumenismo e o diálogo inter-religioso (macroecumenismo) características próprias desta instituição escolar; são elementos que a fazem sobressair no cenário educacional.

Entre os desafios presentes na Escola Católica, hoje está o respeito e o diálogo com todas as religiões presentes no seu interior, através de seus professores, alunos e corpo de funcionários. Além disto, vive o desafio de, preservando sua identidade, sobreviver frente as exigências do mercado: como manter a qualidade educacional, a boa estrutura acadêmica, sem enveredar pelo chamado “academicismo”, pela ênfase exagerada na preocupação com o vestibular? Esta problemática é vivida, através da pressão das famílias, em geral e mesmo de alguns professores que estão no interior da instituição escolar católica, mas não lhe abraçam a missão. Áreas de especial tensão na dinâmica das escolas, segundo os/as entrevistados/as são as seguintes: excelência acadêmica X proposta humana-cristã; sobrevivência econômica X missão; família X escola.

Na escola católica, estas tensões partem da visão do ser humano que se deseja educar, para que fim? Para o compromisso consigo mesmo, para a competição cruel, para o domínio do outro e menosprezo do diferente (a mulher, o negro, o índio, o portador de necessidades especiais) ? Ou para a construção de uma pessoa solidária, aberta aos demais e ao Deus vivo, sujeito da história e transformador da realidade?

No dizer de Alves & Junqueira (2002, 156):

De alguns anos para cá a escola vem de um período fortemente acadêmico, em que o centro das atenções era o resultado do vestibular e todo o processo educativo girava em torno do rendimento escolar, para uma prática que coloca a aferição do conhecimento e as relações pessoais (consigo, com o outro, com a natureza, com Deus) num mesmo patamar de preocupação e valorização (...).

Segundo Sung (2002, 46) o tema da solidariedade é discutido, hoje, até pelas empresas; é preciso, portanto, que eduquemos para a vivência da

interdependência, para o desejo de estar com o/a outro/a, buscando uma vida baseada na justiça e na solidariedade, articulando razão e afetividade que, por sua vez, não podem dispensar o ser humano da capacidade de decisão e da vontade livre, é o que nos diz a antropologia cristã.

Segundo França Miranda (1993, 73), através de seus atos livres, o ser humano vai atingindo a sua orientação fundamental que é o chamado amoroso de Deus para que participe do seu reino de amor. É dentro da realidade que as decisões livres da pessoa humana vão acontecendo; no confronto com outras vontades que vai tomando decisões que lhe encaminham para sua opção fundamental: o encontro com o próprio Deus. E este só é concretizado quando se encontra o outro, numa relação face a face, rosto a rosto nos diz Dussel (1977, 27).

Num cenário educacional, onde surgem a cada dia as mais diferentes propostas pedagógicas, segundo o que pudemos ver entre os/as nossos/as entrevistados/as, a sobrevivência da Escola Católica reside em manter os seus ideais sendo sensível às novas demandas da sociedade, trabalhando as tensões presentes no seu cotidiano e tornando significativa e atraente suas buscas de educar para a justiça, a solidariedade e a liberdade cristã, proporcionando aos seus educandos experiências do amor de Deus, construindo uma Comunidade Educativa que busca cumprir a meta de colaborar para que no mundo formemos a idéia de família humana. É a contribuição específica desta escola para aquilo que García Roca (1999, 11) chama de “*nova cultura da educação*”.

4.2. Escola em Pastoral

Neste segundo bloco, diretores/as, professoras e teólogos/as foram convidados a se expressar sobre o papel e a organização do setor pastoral do colégio onde atuam, os desafios e dificuldades que vêm enfrentando e a formação que deve ter um professor de educação religiosa e um/a teólogo/a que trabalham na escola católica. Aos/as diretores/as, perguntamo-lhes, também, como vêem a proposta da Educação Libertadora, em nossos dias e às professoras e teólogos/as como se daria, hoje, a perspectiva da Escola em Pastoral.

Sobre o papel do setor pastoral da escola onde trabalham, os/as diretores/as responderam que, em geral, além de serem responsáveis pelas aulas de educação religiosa, se preocupam com a promoção da justiça e da solidariedade.

Segundo uma das entrevistadas:

(...) a gente faz campanha pra arrecadar o alimento, mas mostramos que aquilo é para aquele momento de emergência, essa não é a solidariedade que o ser humano precisa. Nós procuramos mostrar uma solidariedade que realmente emancipe, uma solidariedade que deixa o outro livre, que dê dignidade, que seja mesmo um trabalho de força social... Que tenha um caráter social.

Nestas atividades o setor procura trabalhar de forma integrada com outros departamentos do colégio envolvendo professores de todas as áreas e a direção, embora procurando-se manter a responsabilidade nas mãos do SOR (setor de orientação religiosa).

Em geral, o setor pastoral permeia todos os setores do colégio, é responsável pela acolhida aos/às alunos/as e por campanhas solidárias. Procura sempre fazer parcerias com o setor pedagógico. É visto como fermento na massa, está a serviço e encarna de modo especial a missão do colégio, procurando desenvolver atividades que envolvam toda a comunidade escolar: encontros de aprofundamento espiritual para pais, professores e alunos, estudos bíblicos, celebrações, missa para aniversariantes do mês, festas do padroeiro do colégio, etc.

Em duas escolas que participaram da pesquisa não há setor pastoral, nelas os professores de educação religiosa estão diretamente ligados ao setor pedagógico. Embora ambas as direções vejam a necessidade de se organizar o departamento de pastoral, em uma falta quem assuma este setor, mesmo tendo uma teóloga presente na escola; na segunda, o departamento está em vias de organização. Para uma destas diretoras o setor pastoral:

(...)seria, vamos dizer, o eixo central da escola, o setor do ensino religioso, essa equipe de pastoral é que faria, vamos dizer, a sedimentação de todos os outros projetos da escola. Os temas geradores sairiam dali, para trabalhar juntos, para fazer a integração(...).

Em geral, as diretoras afirmaram:

(...)a equipe de pastoral é a espinha dorsal da escola, porque quando ela não atua ou não está presente a coisa tende a ficar meio desengonçada(...).

O departamento pastoral se preocupa com o clima geral da escola, ele tem que ser integrado em todos os outros: com o pedagógico, com o acadêmico, com o esportivo, com o artístico. As pessoas que têm a responsabilidade pastoral da escola, têm que ser pessoas abertas, acolhedoras, têm que dar testemunho de acolhida, de vida. Não são doutrinadores, a doutrina fecha.

De modo geral, fazem parte do setor pastoral: professores/as de educação religiosa, teólogos/as, agentes de pastoral e catequistas. Por vezes, os/as professores/as desempenham papel de catequistas (preparando para a primeira eucaristia e crisma) e agentes de pastoral (organização e coordenação de grupos de jovens, pastoral da família, grupos de mães, grupos que trabalham com a alfabetização de adultos e trabalhos voluntários junto à população carente residente ao redor da escola).

Quanto à formação dos professores de educação religiosa, para os/as diretores eles devem passar por algum curso específico, foram citados: Mater Ecclesiae, curso de teologia à distância (ministrado pela PUC-Rio), curso de teologia para leigos do Centro Loyola de Fé e Cultura e estudos em seminário de formação sacerdotal. Chamou-nos atenção o fato de que para algumas das direções entrevistadas o espaço da educação religiosa não é exclusivamente campo dos/das católicos/as, mas é aberto a pessoas que demonstrem pertença a alguma denominação cristã, exigindo-lhes que se aprimorem em um dos cursos citados anteriormente.

Para uma das diretoras, alguns professores desta modalidade estão precisando investir no campo da didática, pois por vezes são ex-seminaristas, têm um bom domínio do teológico, mas lhes falta o fazer pedagógico.

Quanto a pergunta sobre a perspectiva da escola libertadora, em geral, para as direções, houve um primeiro momento de receptividade da proposta, mais utópico. Hoje, é vista como meta a ser alcançada.

Este depoimento de uma diretora é bastante expressivo nesta perspectiva:

Já tivemos mais ardor, tínhamos assim, aquela utopia pela qual pensávamos que a escola transformaria a sociedade; hoje percebemos que não é tão fácil, que a transformação é algo muito mais consistente. Mas achamos que a educação libertadora continua, principalmente, na formação da consciência crítica; em se preparar os alunos dentro do contexto histórico, social do momento e os alunos adquirirem uma consciência em torno disso (...).

Segundo uma outra diretora:

Não é algo que a sociedade deseje, a sociedade tem justamente todo um projeto contrário a isso, é a dominação, é o consumismo, a soberania dos EUA sobre nós, é a política que é injusta, é a dominação dos ricos, dos poderosos, é a questão da distribuição de renda, que é muito injusta no país. Como é que os alunos vão atentar para isso, formarão consciência política, quando tudo que oferece atrativo, os programas de TV, tudo que a sociedade oferece é contrário a esse corrente que quer colocar a solidariedade, a partilha que deve existir?

Afirma o diretor entrevistado:

Eu acho que uma das grandes missões da escola é remar contra a maré que está aí, de consumismo, de desvalorização do ser humano, de massificação do próprio ser humano, das grandes coletividades. Então, a educação libertadora hoje, não tem o rumo inicial que era a luta pela justiça, ela está apontando muito mais para as coisas estruturais como o combate à fome e o incentivo a colocar em prática os valores cristãos.

Às professoras de Educação Religiosa, interessou-nos perguntar sobre como vêem a organização do setor pastoral, o papel do/a teólogo/a nele, as dificuldades e desafios encontrados e o que significaria hoje a perspectiva de uma “Escola em Pastoral”.

Para elas, em geral, o setor pastoral dá o referencial à escola católica. Por isto deve ser uma presença em todos os lugares do colégio, deve ser um setor aberto, um espaço onde os membros da escola possam se sentir livres e confiantes. Tendo, ainda, como tarefa a orientação teórica e prática ao trabalho da comunidade educativa, nos seus aspectos religiosos e sociais.

Segundo uma delas:

(...)dinamizar esse trabalho de relação com o professor, o pai, do aluno, a mãe com essa relação com Deus. É motivar, dinamizar, despertar o interesse da pessoa para isso; é dar o suporte necessário, quando for solicitado.

Para uma outra professora:

É o que vai dar o referencial pra toda escola que é católica, então, tudo o que acontece, se é alguma coisa religiosa, se é uma oração o povo da pastoral que vai fazer, é a referência que o colégio tem da parte religiosa.

Sobre o que consideram mais importante no trabalho do setor, afirmaram que é mostrar para o/a aluno/a que somado a uma boa formação acadêmica tem de haver um compromisso com a transformação da sociedade.

Afirmou uma professora:

O testemunho. É conseguir mostrar para eles, os alunos, que acima da formação acadêmica está uma adesão de vida, uma adesão de fé, uma adesão comprometida que não é oba-oba, tem que ser alegre é claro, mas tem um compromisso com a transformação, um compromisso em querer melhorar o mundo, em dar a minha parcela de colaboração, ainda que pequena.

Quanto aos desafios apresentados ao setor pastoral, em geral, as professoras relataram que são trabalhar o relacionamento entre os/as alunos/as, as questões ligadas à espiritualidade e as influências sofridas pelos estudantes por conta da desestruturação familiar.

(...)trabalhar nessa questão do relacionamento, de se conseguir vencer as dificuldades pessoais e avançar nesta espiritualidade, acho que a gente tem que dar prioridade aos momentos fortes de oração.

Segundo uma outra professora:

(...) o que a gente vive com essa juventude em termos de limites é muito sério, uma falta de limites muito grande, a falta da questão da família, de direção mesmo, você os percebe muito perdidos. Esses jovens não têm referencial nenhum dentro de casa (...)

Demonstrar a importância do setor na comunidade escolar é também visto como um desafio, entre as professoras:

(...)demonstrar para a família, para as professoras, para toda a comunidade escolar que o nosso apoio é importante na vida deles.

Quanto ao papel do/a teólogo/a na equipe, em geral, vêm como importante apoio intelectual e espiritual, alguém que confere segurança ao trabalho do setor pastoral. A pessoa, o modo como exerce a função, foi bastante enfocada.

Segundo uma professora:

(...)ela revela para a gente a face de Deus, a porta da sala dela está sempre aberta para a gente chegar. Ela está sempre aberta, com a mesa cheia de livros, sempre lendo, estudando, sempre aberta para nos receber para o que precisarmos, seja profissional seja alguma coisa pessoal.

Na visão de uma outra:

(...)é uma pessoa muito admirada pela nossa escola, ela traz tranqüilidade para o nosso trabalho, nos traz bastante confiança, confia no que a gente faz. E também a gente tem assim, aquela pessoa que em caso de qualquer dúvida, qualquer discernimento próprio de uma parte mais de formação, de conteúdo, a gente se sente mais segura, porque sabe que pode contar com ela.

Sobre a importância de um/a teólogo/a na escola e o modo como o trabalho é desenvolvido, as professoras reafirmaram a questão da segurança no que se é transmitido em sala de aula.

Afirma uma professora:

Eu acho importante, porque nós precisamos de um direcionamento, você encontra segurança para aquilo que vai aplicar(...).

Comenta uma outra professora:

(...)nos ajudou até a colocar algumas questões a fazer um novo programa, a perceber que algumas coisas que eram faladas na pré-escola não tinham necessidade de ser faladas. Porque a gente falava muito de Jesus Cristo e quando chegava no Ensino Médio, o aluno não tinha mais... não conseguia mais falar de Jesus Cristo, então nos ajudou no planejamento de tudo, eu acho que foi vital.

Quanto a perspectiva da Escola em Pastoral, em geral, para as professoras, significa trabalhar de uma maneira que una a dimensão sagrada, teológica à pedagógica. É anunciar a Boa Nova, interagir numa escola que é evangelizadora, preocupada com a qualidade acadêmica, sim, porém sem colocá-la como centro da sua missão. Para algumas, é uma possibilidade a ser atingida.

Afirma uma professora:

(...) a escola em pastoral é aquela escola que consegue colocar a dimensão acadêmica com uma diretriz transcendente, a dimensão acadêmica com a dimensão do sagrado. É trabalhar o sagrado, a dimensão teológica, a dimensão pastoral com uma pedagogia que possa casar com as necessidades do momento presente. A escola em pastoral é aquela que consegue esse casamento do pedagógico com o pastoral. Eu acredito que isso possa colaborar para termos uma escola mais feliz.

Para uma outra:

(...)a gente acredita realmente que ainda vá conseguir realizar esse sonho, de estar em todas as pessoas que atuam nessa comunidade educativa imbuído esse espírito de amor ao próximo, de formação integral do aluno, de se preocupar com o outro sem as vezes estar preocupado somente com o que se vai oferecer ao outro em termos de conhecimento(...).

Algumas professoras não conheciam o termo, mas manifestaram seu pensamento sobre a questão. Disse-nos uma professora:

Eu não sei muito sobre isso, porque a minha linguagem não é bem essa, eu tenho na minha igreja a escola bíblica dominical ,agora escola em pastoral eu penso que é a educação trabalhando junto com a religião.

Em princípio, poderia nos parecer que o fato desta última professora ter afirmado que não conhecia o termo, ser uma consequência dela pertencer a uma outra denominação cristã (não católica). No entanto, algumas professoras católicas, também não conheciam a perspectiva da Escola em Pastoral.

Afirmou uma professora católica:

(...)deve ser uma coisa interessante pela experiência que a gente tem de pastoral do ensino religioso, seria assim: uma escola onde as pessoas teriam a oportunidade de estarem se colocando. Então não seria só a parte acadêmica, mas a parte espiritual estaria em voga. Eu acredito que escola em pastoral seria como se você tivesse em sua própria casa, uma igreja doméstica.

Em relação a pergunta o que você considera mais importante no trabalho do setor, em geral, o fato de participar da vida dos alunos tanto em sala de aula, como em atividades de cunho social foram bastante enfocados. Chamou-nos a atenção o trabalho das chamadas “missão de férias”, onde é tentado adicionar experiência religiosa com sensibilidade social.

Afirmou uma professora:

(...)a gente tem a nossa Ação Social na missão de férias que a gente faz fora daqui, a gente faz no Espírito Santo, em Anchieta, no mês de julho. Eles se inserem numa comunidade pobre, carente, mas de uma vivência muito forte de igreja, por isso que a gente destaca o Espírito Santo e a gente vai pra Anchieta que é uma Paróquia dos Jesuítas e muito bem articulada. Então a gente vai pra lá, os meninos vão, eles ficam na casa das famílias, famílias muito simples e eles vivem o cotidiano dessa família e saem em missão, eles são missionários, então eles visitam as outras casas, eles fazem os círculos bíblicos, eles trabalham as

celebrações, visitam doentes, levam conforto a eles, alegria aos jovens, às crianças, então eles passam 8, passaram 9 dias lá em Anchieta. Lógico que a gente vai junto, a gente faz o acompanhamento diário e pessoal desses missionários porque eles são muito novos pra serem inseridos numa comunidade.

Em relação aos/as teólogos/as, quisemos verificar como vêem o setor pastoral, que papel exerce perante a comunidade escolar, qual a formação de um/a professor/a de educação religiosa e de um/a teólogo/a que atuem na escola católica e o que pensam sobre a perspectiva da “Escola em Pastoral”, hoje.

Segundo teólogos/as, o setor de pastoral de cada um dos colégios, onde existe (duas escolas não têm setor de pastoral organizado, mesmo tendo teólogas neles trabalhando) foi chamado a participar da elaboração dos respectivos projetos pedagógicos, além de coordenarem cursos de formação cristã junto a funcionários, professores e alunos e investirem em trabalhos de ação social.

Vimos que há uma preocupação por parte do/as teólogo/as em fazer com que o setor pastoral esteja presente em todas as atividades das escolas, dando uma dimensão espiritual e litúrgica aos projetos desenvolvidos.

Segundo o teólogo entrevistado o trabalho do setor:

(...)é profundamente integrado dentro da própria função da coordenação, nada pode acontecer na escola sem essa participação da coordenação religiosa. É um trabalho integrado com a Direção da escola e com as equipes, na verdade aqui o colégio ele está dividido assim: Direção, a Coordenação Religiosa e a Coordenação Pedagógica, então, você não pode pensar o calendário religioso da escola sem pensar também o calendário acadêmico, não se pensa o calendário acadêmico sem pensar o calendário religioso, quer dizer, a integração é muito próxima.

Afirmou uma teóloga:

Então, é... me foi pedido que dirigisse a pastoral da escola, sendo que o projeto educativo é o que norteia. Depois dentro do projeto pedagógico, a gente procura acompanhar cada segmento. Com as questões relativas diretamente à religião, às religiões... É claro, a gente não quer perder a identidade, pelo contrário, a gente está querendo dentro, é... desse projeto, cada vez mais explicitar que a educação é cristã e católica, então há uma série de atividades desenvolvidas dentro do aspecto religioso, para cada segmento especificamente. Mas a preocupação maior é que os professores se imbuam dentro desse espírito que o nosso projeto vem colocar.

Quanto aos desafios enfrentados, em geral, foram colocados pelos/as teólogos/as: a própria estrutura burocrática da escola e o fato de se estar realizando uma tarefa que era própria dos padres.

Afirma uma teóloga:

Tudo tem que passar pela direção, você tem que consultar antes de fazer, você não pode dizer que vai fazer, ou escutar os alunos: ah! eu quero fazer, ou vamos fazer... Eu tenho que ver também o todo, tenho que ir lá na coordenadora pedagógica, perguntar: posso fazer isso? Na diretora ... Então, o que é o coordenador do ensino religioso, o que o coordenador do projeto pastoral, ele tem voz? Ele tem vez, como? Então uma coisa ainda pergunto aqui, porque não tem, aliás eu já falei, eu não gostaria de ser, de estar no nome como coordenadora de ensino religioso ou do projeto pastoral, se eu não estou fazendo o que está lá pedindo como prioridades, se não está acontecendo(...).

Segundo uma outra teóloga:

Eu, por exemplo, tive muito, cuidado quando assumi, porque eu assumi a função de um padre que estava aqui e que permaneceu aqui... A equipe poderia ter avançado muito mais se nós logicamente não tivéssemos a pessoa que administrava anteriormente a Pastoral, que era o Diretor da Pastoral, na equipe.

A respeito do trabalho com a dimensão celebrativa é trabalhado, em geral, acompanhando-se o ano litúrgico, em diferentes espaços, dando-se liberdade aos/as professores/as de educação religiosa que atuem como acreditem ser mais conveniente.

Afirmou uma teóloga:

A dimensão celebrativa é trabalhada com muito cuidado, com muita cautela, para não violentar e para não queimar etapas, quer dizer, é trabalhada no ano litúrgico, os professores trabalham da maneira que eles acharem mais conveniente, há momentos que a escola inteira trabalha, há momentos em que é por salas, por turmas.

Sobre a dimensão catequética, identificamos três posturas diferentes entre as escolas entrevistadas: numa o trabalho catequético é feito voluntariamente, muitas vezes, por mães dos/as alunos/as, é um serviço que não é remunerado, isto porque têm a preocupação de não desvincular a catequese da restante aplicada na diocese, localizada no interior do Estado do Rio de Janeiro. Uma segunda postura,

é a da escola que faz parceria com a paróquia católica mais próxima, porém a catequese é feita pelos professores de educação religiosa e, uma terceira postura, que é única entre as escolas entrevistadas, é de não realizar nenhuma preparação para os sacramentos iniciais.

Afirma uma teóloga:

São alguns aspectos que a gente trabalha, não desvincular a pastoral da escola nessa questão religiosa, católica, não estar desvinculada da pastoral da diocese ... Então as famílias participam sim, da catequese aqui(...).

No entender do teólogo entrevistado:

(...) é um ganho, é uma veia muito grande de evangelização pela escola para a paróquia. Os movimentos, tanto o movimento de campanha solidária lá dos Vicentinos vêm aqui fazer a campanha na nossa missa dominical quanto o pessoal do encontro de casais, do EJC - Encontro da Juventude com Cristo e crisma a mesma coisa, porque a origem do sacramento da crisma, da 1ª comunhão são da paróquia e não da escola.

Relatou uma teóloga:

(...)a gente não trabalha com catequese, com sacramentos assim de batizado, isso daí não, porque nós somos uma comunidade escolar católica, mas somos diferentes da comunidade eclesial de base. A dimensão celebrativa é trabalhada assim, a partir da arte, da dança... Nós não temos preparação para o batismo, catequizar para fazer primeira comunhão(...).

A respeito da educação para a consciência solidária, em geral, todas as escolas têm um trabalho social, junto a asilos, creches, orfanatos e distribuição de bolsas de estudos para estudantes carentes, objetivando a convivência entre diferentes classes sociais.

Segundo uma teóloga:

Os alunos fazem visitas aos projetos sociais que nós temos como casa de menores, creche, o asilo, para eles conhecerem e perceberem que com a mensalidade que eles contribuem no colégio, eles estão ajudando a formação daquelas crianças.

Relata outra teóloga:

(...)se trabalha essa consciência solidária, com esse outro, que é o outro da favela, que está dentro da sala de aula¹, com muita dificuldade. Se trabalha no final de algumas festas, uma doação a uma creche, e a escola tem um projeto em Caxias, se eu não me engano, em que os alunos de vez em quando, recebem as fotos de como vai aquele projeto, escrevem cartinhas, mandam livrinhos(...)

Dentro, ainda, do aspecto da educação para a solidariedade, algo que nos chamou atenção foram as chamadas “missão de férias” relatadas por duas escolas² dentre as entrevistadas. Nestas, um grupo de alunos/as é encaminhado para passar uma parte das férias em algum lugar periférico, participando daquela realidade.

Afirmou o teólogo entrevistado:

(...)outra coisa importante, temos aqui uma experiência que começou esse ano e está crescendo muito é a experiência da missão de férias. Está sob a responsabilidade do Serviço de Orientação Religiosa, também. Um grupo de alunos que participa do grupo jovem e da ação solidária, que demonstra essa maturidade, permanece agora em julho 13 dias em uma missão em Janaúba, norte de Minas. São alunos do Ensino Médio. Uma experiência maravilhosa e, assim, indescritível pra eles, para as famílias, para a comunidade que recebeu esses meninos. Uma coisa arrojada para caramba, assim, o trabalho de preparação dos meninos, das famílias deles para ficarem tanto tempo fora, num lugar que ninguém sabia o que ia acontecer. É já quase Bahia, a missão de férias está crescendo, está, aí está um clima aqui de missão muito grande, todo mundo quer fazer, quer participar, acho que o movimento grupo jovem vai crescer por conta disso(...).

Perguntamos aos/às teólogos/as sobre a formação do professor de educação religiosa e, em geral, todos/as afirmaram que necessitam de uma formação humana, teológica e pedagógica, além da necessária fé.

Segundo o teólogo que entrevistamos:

Eu acho que qualquer formação que não seja só Teologia. Acho que a Teologia ela nunca deve ser uma ciência estudada isoladamente, o cara tem que fazer um curso de qualquer outra área de humanas paralela à Teologia. Paralelo, depois ou antes, porque uma dificuldade muito grande que a gente encontra quando vai escolher um professor de religião é fazê-lo falar uma linguagem que não seja essencialmente pastoral, fazer o cara trabalhar com os alunos uma perspectiva da linguagem do aluno, do seu mundo, do seu tempo, do seu sonho, sabe? Da sua realidade, do seu quatinho ali para dali ele fazer uma abertura para dimensão teológica.

¹ A escola em questão oferece bolsas de estudos para alunos que residem numa favela próxima ao colégio.

² O primeiro relato foi feito por uma professora e já o registramos à página 86.

Para uma outra teóloga:

Eu acho, que ele tem que ter uma formação teológica, e uma teologia que seja pedagógica, quer dizer, ele precisa ser um teólogo, que entenda de metodologia, de processo de ensino-aprendizagem.

Um desafio lembrado pelo teólogo que entrevistamos é a nova lei educacional que reconhece o ensino religioso como área de conhecimento³, mas que não esclarece a formação necessária para um/a professor de educação religiosa:

Eu acho que o desafio hoje é da lei, a nova lei que reconhece o ensino religioso como uma área do conhecimento, a lei não disse ainda qual é a formação exigida. Estados como Bahia e Rio de Janeiro decretaram que o ensino religioso é confessional de modo que aqui a formação religiosa tem que ser específica na área que você vai lecionar. De modo que o cara que dá aula de espiritismo tem que ser formado por uma escola espírita, pra dar islamismo tem que ser uma cara formado pela escola islâmica e o cristão formado por uma escola cristã, é complicada, essa definição.

A respeito da formação de um/a teólogo/a que atue na escola católica, em geral, os entrevistados entendem que necessitam ter um curso de teologia, já que esta possui um saber que lhe é específico, somado a conhecimentos pedagógicos.

Afirma uma teóloga:

Eu acho que para atuar na escola, ele tem que ser teólogo e educador. E precisa estar bem enturmado entre essas duas ciências, e fazer diálogo entre elas, se ele for somente um educador, ele não vai ter a visão teológica, se ele for só um teólogo, ele vai falar do que ele não conhece a fundo.

Para o teólogo com quem conversamos:

A formação teológica ela entra como uma prerrogativa, o fato do ensino religioso ser uma área do conhecimento como é português, como é matemática, como é a química, ela exige do profissional também um conhecimento específico na área.

³ A Constituição Brasileira, na seção da Lei de Diretrizes e Bases, art. 33, prevê desde julho de 1997 o ensino religioso em todas as escolas públicas brasileiras e a lei estadual 3459, no Estado do Rio de Janeiro, prevê o ensino religioso confessional nas escolas públicas estaduais.

Perguntamos aos/às teólogos/as sobre o papel específico do/a teólogo/a na escola católica e nos foi afirmado que é uma missão fundamentalmente de um/a educador/a que possui um olhar sobre a realidade diferenciado, porque tem uma visão desta iluminada pela fé, pode propor desafios e reflexões aos colegas. Por formação, tem condições de dialogar com as outras ciências presentes na escola e interferir na comunidade escolar trazendo uma visão mais atualizada das questões ligadas à Igreja Católica; além disto é ele/a quem tem condições de orientar os/as professores/as de educação religiosa.

Para o teólogo entrevistado:

A grosso modo a missão do teólogo ela é um pouco diferenciada, mas é a missão de um educador, só que você espera que o teólogo seja mais sensível, tenha uma visão um pouco, sabe? Um pouco mais, assim, diria, iluminada pela fé, para compreender a realidade, para interpretar a realidade, para trabalhar com o aluno, pra alentar esperança no aluno, para o aluno não se deixar desanimar, para propor aos colegas desafios e reflexões que sejam pertinentes ao momento da história atual, uma compreensão da igreja hoje, como é que ela está caminhando.

Afirma uma teóloga:

Eu acho que seria legal se as escolas percebessem que esse olhar do teólogo junto com o olhar do educador, se ele trabalhar junto com a equipe técnica-pedagógica, é uma parceria que ela não deveria abrir mão, não poderia abrir mão, enquanto escola católica. E não pode ser casual, eventual e esporádica, ela precisa ser uma parceria que mergulhe no cotidiano da escola.

Sobre a pergunta o que você acha da expressão escola em pastoral, para alguns os/as teólogos/as esta perspectiva quando surgiu fez com as escolas repensassem a própria atuação, a missão que deveriam exercer junto a sociedade; inclusive retirando do professor de educação religiosa a exclusiva responsabilidade pela evangelização de toda a instituição escolar. Para um outro grupo a escola em pastoral é vista como uma possibilidade a ser concretizada.

Afirmou uma teóloga:

Ela mexeu com as escolas, ela veio com a proposta evangélica libertadora e mexeu com as escolas, fez as escolas repensarem, fez as escolas pensarem que a

pastoral não era problema do professor de religião, que era uma questão que precisava avançar, que todo mundo era responsável por isso, fez algumas direções diminuírem a cobrança em cima do professor de religião. O professor de religião tinha a função de sozinho converter a escola inteira, os alunos e mais o resto da escola, mas não sei se isso se tornou prática, não sei. Eu acho que abriu esse olhar, a expressão conduz a abertura desse olhar, muitos retiros, muitos encontros de professores, reuniões, discutiram isso, discutem até hoje. Agora, eu ainda observo que o olhar para o professor de religião é assim: 'Você é o dono da bola, você é que vai cuidar desse problema'.

Segundo uma outra teóloga:

Olha, escola em Pastoral é um sonho, é um sonho. Mas estamos muito longe, mas já avançamos bastante, bastante até nos passos, essa escola em pastoral ela é possível. Ela não é impossível não, agora, você precisa ter cabeças que estão no poder possibilitando que se faça esse trabalho, incentivando e até oferecendo recurso para que isso aconteça. Se a gente não tiver isso aí, se as cabeças que estão a frente, se elas não tem claro isso aí, que a missão nossa é evangelização, nós não vamos chegar a lugar algum.

Discordando de outras vozes, para o teólogo entrevistado, a escola em pastoral é somente mais uma expressão, uma nomenclatura, não simbolizando nenhum momento especial da educação católica:

Puxa, discute-se tanto essas coisas aí nas reuniões da AEC⁴, nas reuniões da Província, nomenclatura, agora se fala em pastoral da educação, pastoral escolar que é diferente da escola em pastoral, que é diferente de aulas de religião, que é diferente. E acho que a nomenclatura, a divisão, a separação, a estrutura, são detalhes pequenos que garantem mais ou menos esse ideal, mas o ideal mesmo, senão a gente vai acabar criando assim um monte de seitas pequenininhas dentro da própria igreja católica: ah, eu sou da pastoral da educação, ah eu sou de uma escola em pastoral, não, eu sou do movimento evangelizador, eu sou do movimento missionário.

No bloco Escola em pastoral, pudemos ver que para direções, professoras e teólogos/as uma escola que atue “em pastoral” deve somar ao pedagógico a perspectiva do teológico. Assim, a partir da especificidade da escola, evangelizar investindo na espiritualidade da comunidade educativa e na educação para a consciência solidária dos estudantes.

No dizer de García Roca (1999, 33), é uma escola que possui uma educação libertadora, porque “(...)constrói opções de uma sociedade mais justa.”

Numa escola que deseje atuar “em pastoral”, o setor pastoral deve ser valorizado e chamado a intervir nos diferentes procedimentos escolares. Para isto,

⁴ Associação de Educação Católica

seus membros devem estar bem fundamentados teológica e pedagogicamente, segundo os nossos entrevistados. Dentro deste setor, os/as teólogos/as exercem um importante papel de apoio intelectual e espiritual, dando segurança à equipe que nele atua.

A perspectiva da escola em pastoral ainda é possível de ser aplicada, desde que se adapte à nova realidade que a escola católica vem enfrentando principalmente no concernente ao secularismo e ao pluralismo religioso, os/as educadores/as não se podem furtar de educar numa perspectiva ecumênica e inter-religiosa.

Continua sendo tarefa da escola católica colaborar no diálogo entre a Igreja e os homens e mulheres de nossos tempos, a chamada evangelização hoje passa necessariamente pelo diálogo com as diferentes vozes que compõem a atualidade. Deve, por conseguinte, desenvolver uma pedagogia de valores fundamentada no respeito ao outro, na solidariedade responsável e incentivar a criatividade e a interioridade inspirados numa mistagogia que encaminhe a uma profunda experiência do Deus de Jesus Cristo.

O ambiente da escola, numa perspectiva de escola em pastoral, é considerado, para a comunidade escolar, ponto de partida e de chegada da visão cristã do mundo e, justamente por isto, deve proporcionar experiências de um Deus amor, revelado por Jesus Cristo, através de seu currículo e das relações estabelecidas em seu interior.

Segundo os bispos reunidos em Medellín (1977, 91):

Em seu caminho para Deus, o homem contemporâneo se defronta com diversas situações. Isso reclama da Igreja adaptação de sua mensagem, isto é, diversos modos de expressão na apresentação da mesma.

O aspecto da experiência religiosa e da transcendência, no âmbito da escola, necessita passar pela comunicação, uma vez que Jesus também é chamado de o verbo divino e verbo, necessariamente também implica movimento. Para isto é necessário estarmos atentos à linguagem dos estudantes e a interação destes com a comunidade escolar, isto pode ser verificado na preocupação dos/as teólogos/as com a formação dos/das professores/as de educação religiosa.

Uma escola que atua em pastoral, evangeliza através de suas ações e atitudes em relação a professores, funcionários, alunos/as e suas famílias.

4.3. Teologia e Educação

Neste terceiro e último bloco, perguntamos a diretores/as sobre a origem da presença do/a teólogo/a na escola, como aconteceu a integração deste/a profissional e seu impacto na comunidade escolar. Em relação às professoras, nosso campo de interesse girou em torno de questões sobre as atividades que desenvolvem, a formação do professor e professora de educação religiosa e o diálogo teologia/educação. A teólogos/as questionamos sobre as motivações que os/as encaminharam à teologia e à educação e como vêem o diálogo teologia/educação.

Perguntamos às direções quando começaram a ter na sua equipe uma pessoa formada em teologia. Em geral, as escolas levadas por religiosos sempre a tiveram, porque eram pessoas que tinham por força da formação este curso. A novidade, hoje, consiste em terem teólogos/as leigos/as trabalhando em seu interior.

Sobre a interação do/a teólogo/a com a equipe do colégio, nos afirmou uma diretora:

(...) dentro dessa teologia da liberdade, da educação libertadora, está sempre buscando uma religião, um fazer religioso que leve à conscientização, que leve a uma postura ética, a uma postura política. Sempre foi bem aceito na escola.

Na escola onde uma teóloga presta assessoria, não fazendo parte do quadro de funcionários, este foi o depoimento da diretora:

(...)o povo a queria para tudo, palestras com os pais, palestra para a 1ª. Eucaristia, queria sugestões de atividades dentro do programa. Acho que se eu a colocasse aqui vinte e cinco tempos, ela os utilizaria com os professores, facilitou tudo mesmo. E eles até hoje, pensam no retorno dela.

A respeito das dificuldades dos/as teólogos/as que assumem o lugar que outrora era próprio de sacerdotes, em geral, é interpretado pelas direções, como algo ligado as tensões sobre o poder, dentro da escola.

Afirma o diretor entrevistado:

Eu acho que nada tem a ver com teologia, tem a ver com poder mesmo. É o tal caso: quem tinha o curso de teologia era só padre, isso era preservado como espaço de poder(...).

No que diz respeito à influência do/a teólogo/a na escola, afirmaram que com a presença deste profissional a visão fica diferente, pois ele/a traz um olhar mais atual sobre as coisas, facilitando o trabalho com a juventude, principalmente. Os/as teólogos/as são vistos como facilitadores do trabalho, pois colaboram no diálogo entre todos/as os/as componentes da escola. Além disto trazem qualidade para o espaço escolar, ajudando a construir a comunidade educativa.

Afirma uma diretora:

(...)o papel do teólogo na escola é muito importante, ele faz uma integração, ele tem essa vivência da fé, uma amplitude maior, tem mais conhecimento também, ele tem como integrar os outros conteúdos com o ensino religioso e tem como envolver a escola toda nessa programação... Quem joga só bola é bom, não é? Então quem só pensa nas coisas com conteúdo mesmo de fé, relacional, essa ligação do homem a Deus, tem como também descobrir dinâmicas, técnicas e jeito de se relacionar com as pessoas fazendo essa ponte com Deus.

Para o diretor que entrevistamos:

(...)essa preparação do teólogo dá mais segurança para gente em termos de doutrina, em termos de teologia, de liturgia, em termos de cristocentrismo. Eu acho que isso acrescenta muito na qualidade de nosso colégio e dá mais tranquilidade para quem dirige o colégio. É o meu caso, eu não sou teólogo. Além do mais, a participação do teólogo nas reuniões que a gente tem, ela é uma participação que parece ser normal como a de todos, mas o olhar é diferenciado e isso é extremamente importante para você construir essa cultura interna de comunidade educativa.

Às professoras, no bloco Teologia e Educação, começamos perguntando quais são as atividades que desenvolvem no âmbito da educação religiosa e quais consideravam mais gratificantes. Em geral, nos responderam que a sala de aula e levar os estudantes a praticarem ações solidárias são as coisas que lhes dão mais ânimo.

Afirmou uma professora sobre o que lhe é mais gratificante:

(...)cada turma é uma turma...tem hora que eu desanimo, porque às vezes não consigo chegar a lugar nenhum com eles, aí quando chega na outra semana a gente caminha 2,3 passos com eles, aí eu falo assim: - Não acredito! Daqui a pouco a gente cai outra vez. Então são esses altos e baixos que gosto. Eu gosto de trabalhar em turma, com sala, em sala de aula.

Para uma outra professora:

(...) é levar a turma a fazer uma experiência de doação, a experimentar como é bom servir.

Perguntamos posteriormente às professoras quais são os desafios que mais enfrentam: para umas a modernidade que, por vezes, com seus avanços não dá espaço para o sagrado; para outras os problemas familiares trazidos pelos alunos/as para a escola, traduzidos através das atitudes agressivas de alguns estudantes. Há, ainda, o “tudo permitido” de alguns pais em relação aos/às filhos/as, a apatia e desinteresse dos estudantes em relação às aulas de educação religiosa somados, às vezes, a um rigoroso programa a ser cumprido, à presença de várias designações religiosas em sala de aula e um corpo docente influenciado pelo secularismo.

Segundo uma professora:

Um grande desafio que eu vejo nessa adolescência é por tudo ser permitido, eles hoje, embora não saibam, não se permitem esse encontro com Deus, com o transcendente. O imediatismo vem de encontro a tudo que a gente procura mostrar, as coisas são muito difíceis, porque eles querem tudo para ontem, então esse Deus que vem ao encontro da gente, Ele tem o tempo Dele. Eles não entendem isto, porque eles têm tudo na mão, na hora que eles querem. A gente procura mostrar a esses alunos que o tempo de Deus não é o nosso tempo, não é o imediato. Esse é um dos grandes desafios que a gente encontra hoje.

Nas palavras de uma professora:

Existe falta de interesse por essa área cristã, toda a secularização do mundo que acaba influenciando os nossos alunos e o corpo docente do colégio ... às vezes, eu me sinto um pouco isolada do corpo docente.

Questionamos as professoras sobre a formação necessária para alguém que deseja dar aulas de educação religiosa. Foi-nos respondido que cursos de formação teológica são necessários, tais como Lumen Christi, Mater Ecclesiae, curso de Teologia do Centro Loyola, Teologia à Distância da PUC-Rio, bacharelado em Teologia, além de estudos na área de pedagogia. Foi lembrado, também, que o professor de educação religiosa deve ter uma prática de fé, buscar grupos paroquiais, estar inserido em alguma Comunidade Eclesial.

Segundo uma professora:

Eu penso que em primeiro lugar, ele tem que ter realmente a formação específica de um professor de outra área qualquer: formação didática, pedagógica e procurar, se não puder fazer um curso completo de teologia, cursos que, vamos dizer assim, ampliem os horizontes, que dêem mais segurança para exercer o trabalho.

Afirma uma outra:

(...)eu acho que deve ter alguma formação na área de teologia ... e tem que ter uma vida espiritual intensa, uma vida de oração, uma vida onde o conteúdo estudado, antes de ser dado tem de ser rezado, ser refletido. Deve ter também toda uma formação na área para saber o que está falando, porquê está falando e formação na área de educação.

Quanto à relação teologia/educação, as professoras, em geral, afirmam que se estabelece uma troca no interior da escola, porém é algo que necessita ser melhor aprofundado.

Afirma uma professora:

Quando você vai falar das coisas de Deus consegue através da educação criar, retirar momentos que são propícios para desenvolver determinada atividade dentro da teologia. Eu acho que elas são tão juntas que não dá para separar, pois uma vai ajudar a outra.

Para outra:

Eu acho que precisa crescer, eu acho que ainda precisa ser vista com outros olhos, na verdade, quando passar a ser vista assim, todos os professores vão sentir necessidade de fazer o curso também... falta perceber que a teologia vai ajudar o professor de educação religiosa a ter uma postura diferente.

Perguntamos a nossas professoras sobre como é trabalhada a relação teologia/educação na escola onde trabalham. Em geral, é um trabalho que se está iniciando, a partir de pequenos grupos de estudo; é uma relação que sobressai no humanismo buscado.

Relata uma professora:

É um trabalho de base ainda, a partir de um processo de estudos, que vai fazendo com que todo mundo tenha um ritmo de estudos mais acentuado(...).

Segundo uma outra professora:

(...)sobressai nesse humanismo que a gente busca, nem digo que existe, eu acho que a gente busca esse humanismo... a ajuda da educação no pedagógico e o ideal do pastoral, do teológico.

Ao/Às teólogo/as, neste bloco, iniciamos perguntando o que os/as levou a estudar teologia e educação. A procura por estudos teológicos foi relacionada à formação familiar em algumas respostas, em outras a questão da formação exigida para o aprofundamento da prática pastoral, caso específico das religiosas, e da preparação ao sacerdócio.

Uma das teólogas afirmou:

O que me levou a estudar Teologia? É uma continuidade da minha trajetória de vida, que é uma trajetória em que a experiência de Deus, é muito forte, desde criança, desde os seis anos de idade, e vem em um crescente, é como se... esse é o meu caminho, esse é o caminho que faz parte da minha vida, então eu já trabalhei no ensino religioso, já dei muita aula de religião, trabalhei nas paróquias, e comecei a sentir falta de uma fundamentação maior do que a que eu tinha, até então.

Segundo uma outra teóloga:

É uma história da minha infância, pela atitude dos meus pais, papai e mamãe. Papai um homem de muita fé, muito engajado na paróquia. Estou voltando às minhas raízes. Pode ser que não, mas voltando às minhas raízes percebo que há um fio condutor nesta história toda.

Perguntamos, então, o que mais gostavam, enquanto teólogo/as de fazer, em geral, nos foi respondido ser gratificante estar com os estudantes, acompanhá-los e participar das ações sociais realizadas pelos colégios.

O teólogo nos respondeu:

Eu gosto de me relacionar com as pessoas, de dar aula, estar com os alunos, organizar movimentos, discutir a religião hoje, a religiosidade, trabalhar em cima da fé, eu gosto muito disso. Eu acho que o papel mais importante do teólogo numa escola é esse cara, é estar muito presente no relacionamento das pessoas."

Afirma uma teóloga:

Da minha atividade o que mais me preenche é quando a gente pode colocar em prática tudo aquilo que a gente acredita. Então a menina dos olhos nossos é a ação social. É o voluntariado que a gente tem, são as nossas idas à creche, o

nosso receber o aluno da escola do município que não tem espaço e que vem aqui e participa conosco das atividades, junto com os nossos alunos(...).

Perguntamos, então, aos/às teólogos/as como havia entrado a educação na vida deles, um por causa da sobrevivência, outras porque o primeiro curso profissionalizante que fizeram foi o magistério e já eram professoras quando se interessaram pela teologia, outra porque a congregação pediu que desse aula de ensino religioso na escola, já que havia estudado o bacharelado em teologia.

Disse o teólogo:

Entrou assim como por acaso, é... o meu curso de 2º Grau foi de Magistério, então eu comecei a dar aula para 1ª à 4ª série aqui no Rio de Janeiro, foi o primeiro emprego que eu consegui para sobreviver e para tentar estudar, dar aula de 1ª à 4ª série e dando aula de 1ª à 4ª série que surgiu a oportunidade de dar aula de religião de 5ª à 8ª, depois de Ensino Médio e aí eu percebi que era, o negócio era muito bom, era muito gostoso, era muito legal, havia uma empatia, havia uma recepção, havia um terreno ao mesmo tempo árido e fértil pra semear, entendeu? E eu acho que eu me identifiquei muito mesmo vocacionalmente com o magistério.

Segundo uma teóloga, sua relação com a educação se deu da seguinte maneira:

A educação entrou, eu tinha dezessete anos, comecei a ensinar, crianças de 1ª série, descobri que esse é o meu lugar, é um lugar onde eu me sinto à vontade, onde eu sou autêntica, onde eu desenvolvo um trabalho que é muito bom, eu tenho vinte e sete anos como professora, tenho muitas experiências positivas. Algumas experiências difíceis em sala de aula, até experiências traumáticas, mas elas não têm tanto valor quanto as experiências positivas que são inúmeras, muitos alunos, muito carinho, muito feedback de trabalhos que eu já realizei, e eu fico feliz, é um lugar em que eu me sinto feliz, então, o dia a dia é bom para mim, na sala de aula.

Pedimos ao teólogo e às teólogas que nos relatassem como vêem a relação entre Educação e Teologia e o que esta significa para ele e elas. Em geral, afirmaram que a teologia pode colaborar para que se tenha um ponto de vista humanizante na educação. Teologia e educação, segundo os/as nossos/as entrevistados/as, têm em comum a busca de valores e por isto se complementam.

Para o teólogo:

Olha, eu acho que assim, a Educação ela... ela é o grande desafio para teologia moderna. Acho que é um pouco daquilo, se a teologia moderna não entrar na educação ela vai perder cada dia mais seu espaço daqui para frente de forma gradativa, acentuada e constante, não tem jeito. A Teologia na Educação, não

para ser catequese, mas para humanizar a educação, para manter a vertente da abertura para o transcendente, para fazer o ser humano ter alguma resposta para sua sede permanente de realização, de felicidade. Não há como pensar a educação, eu acho, se não pensar numa perspectiva de teologia também, porque você tira da educação talvez a sua vertente mais importante que é a realização do menino e da menina, do homem, não é? Desse educando que a gente quer ver feliz e nesse sentido o papel da Teologia dentro de uma escola ele é... ele é fundamental.

Segundo uma teóloga:

A teologia, ela tem a ver, tem relação com a educação, porque a educação ela educa em valores e a teologia também, ela nos aponta todos os valores que estão inculcados no ser humano, e que foram inculcados por quem? Pelo criador, pelo Deus em que acreditamos, então elas têm relação.

Afirma uma outra teóloga:

É uma relação interdependente, para mim, não dá para fazer educação, porque eu dou aula de filosofia, poderia passar ao largo, mas para mim, não dá para fazer educação sem a teologia. Ela é um orientador de visão, de discurso, de visão de pessoa, é um referencial para o meu trabalho como educadora. E eu tento transmitir a importância disso, onde eu trabalho, que você ter uma visão, não necessariamente teológica, mas uma visão religiosa, você ter um referencial religioso, faz toda diferença em um projeto educativo, faz toda diferença no conteúdo, no discurso, na maneira de agir, na metodologia, redireciona, reorienta o projeto. Para mim, uma coisa não pode viver sem a outra.

Neste bloco, teologia e educação, para as direções os/as teólogos/as representam reforçar a dimensão qualitativa da instituição escolar católica, porque dão segurança ao trabalho do setor pastoral, ajudando a aprofundar na escola o conceito de comunidade educativa.

Para as professoras, o fato de terem alunos/as de várias religiões presentes em sala de aula, somados, em muitos casos, à apatia destes/as perante as aulas de educação religiosa e um corpo docente que sofre a direta influência do secularismo são desafios a serem vencidos. Para isto necessitam ter uma boa formação teológica e pedagógica. Nesta perspectiva a relação estabelecida entre teologia e educação é de troca, ambas, a partir de suas especificidades colaboram na missão da escola católica: o anúncio da Boa Nova.

Na concepção dos/das teólogos/as o diálogo entre a teologia e a educação na escola católica colabora para que se mantenha a dimensão de abertura humana ao transcendente. A instituição escolar católica busca educar para a vivência de

valores cristãos e a teologia entende que tais valores já estão presentes no ser humano. As "sementes do verbo" são inerentes a toda realidade humana.

Neste sentido, a criação é cristocêntrica. Segundo França Miranda (1991, 31) homens e mulheres existem em vista do apelo que Deus lhes faz em Cristo para que entrem no Reino, na determinação ontológica mais profunda, este convite do Deus amor, revelado em Jesus Cristo. Ele é o modelo de ser humano a ser apresentado e seguido, o modo como se relacionava com o Pai, a maneira como lidava com homens, mulheres e crianças; com a cultura e com a história de sua época formam o fundamento do cristianismo. A fé cristã afirma que só em Jesus Cristo chegamos à salvação; só trilhando o seu caminho participaremos da sua ressurreição.

Neste capítulo, pudemos vislumbrar como os/as nossos/as entrevistados/as vêem as relações que perpassam no interior da escola católica, o compromisso que esta tem com a pessoa humana, com a educação para a vivência dos valores cristãos. Nela, a questão da qualidade de ensino é vista como inerente à missão que lhe é própria, porém sem abrir mão da sua identidade, evidenciada pelo desejo latente de seus sujeitos de vivenciarem uma escola que atua em pastoral.

Hoje, o/a professor/a de educação religiosa é mais respeitado dentro do espaço escolar, porque também a sua formação acadêmica foi se aprimorando, dentro do aspecto teológico e pedagógico.

Neste sentido, para direções e professoras a presença da figura do/a teólogo/a na escola é de vital importância, já que trazem qualidade acadêmica e aprofundamento espiritual à comunidade escolar. É vista como a pessoa que costura as relações e mantém uno o horizonte evangelizador próprio da instituição escolar católica. Ao mesmo tempo, lhe é exigido aprofundamento na pedagogia e na fé.

Quanto à tensão família/escola, se por um lado as famílias colocam seus filhos na escola católica visando a qualidade do ensino e a aprovação para o vestibular, concomitantemente querem que esta instituição, na visão de nossos/as entrevistado/as, os eduquem para a ética, a justiça e a solidariedade, por vezes entregando à escola uma função que lhes é própria. Tem sido estratégia das escolas realizar atividades que favoreçam a presença dos pais em seu interior,

fazendo assim que haja uma maior proximidade, colaborando para a mútua compreensão, pois muitas vezes as novas relações familiares também são um desafio para a comunidade escolar.

Para o/as participantes de nossa pesquisa, o setor pastoral é visto como necessário e de importante atuação na escola católica, por isso deve ser um espaço onde alunos/as, professores/as e funcionários/as possam transitar e colaborar. Dentro deste setor, o tema da solidariedade é visto com bastante ênfase.

Na escola católica também começam a despontar como especialmente interpeladores a educação para o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, assim como questões referentes a experiência de Deus, à espiritualidade encarnada. Em termos teológicos, diríamos, a questão da adesão a fé de Jesus Cristo que passa pela experiência do Deus de Jesus Cristo.

Terminamos este capítulo, conscientes que na escola católica, a teologia pode colaborar apontando dados da revelação em Jesus Cristo a serem lidos nos dias de hoje; a teologia pode iluminar passos a serem dados dentro do universo escolar católico que levem a comunidade educativa a realizar atos livres voltados para a solidariedade, à construção da liberdade profunda que é tomada de decisão em relação a si mesmo e a Deus.

Numa educação libertadora, proposta da Conferência de Medellín, afirmada em Puebla, há uma ânsia latente de formar cidadãos fraternos, solidários e responsáveis, profundamente humanos e a teologia percebe que a revelação de um Deus pessoal ajuda o ser humano a se auto-conhecer como pessoa, sujeito da própria história e responsável pela história do/a outro/a.